

A EXPERIÊNCIA COLETIVIZADA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO FÍSICO

Bruna Donegá Alves (IC) e Antonio Aparecido Fabiano Junior (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O presente artigo propõe a investigação de possibilidades de relações sociais e econômicas transformadoras a partir de aproximações no Jardim Lapenna, em São Miguel Paulista, Zona Leste de São Paulo, no contexto de uma pandemia sem precedentes na história recente. Articulando academia, comunidade local e instituições do bairro, foram realizadas entrevistas, reuniões e oficina com moradores e frequentadores do Lapenna, a fim de mapear ações de resposta à crise do Coronavírus e obter um conjunto de questões e características que apontariam hipóteses para a consolidação de uma possível estratégia de ação des-alienante e de luta democrática, com base no conceito apresentado por Suely Rolnik em “Esferas da Insurreição” (2019). O estudo explora o reconhecimento de espaços potentes no bairro e ações desejadas e necessárias para a região sob a ótica da alteração das rotas de concretização das propostas, introduzidas pelo grupo, por conta de diretrizes de outras raízes, provenientes de todo trabalho coletivo que conta com múltiplos atores. Esta pesquisa relata as experiências de construção coletiva resultantes dos contatos e trocas com o bairro e seus agentes, além de analisar as atuais perspectivas de atuação de instituições privadas no apoio à luta social em territórios vulneráveis da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Jardim Lapenna. Coronavírus. Comum urbano.

ABSTRACT

This article proposes the investigation of possibilities for transforming social and economic relations based on the approach in Jardim Lapenna, in São Miguel Paulista, in the East Zone of the city of São Paulo, in the context of a pandemic unprecedented in recent history. Gathering academia, local community and institutions, interviews, meetings and a workshop were carried out with residents and Lapenna's regular attenders in order to map actions in response to the Coronavirus crisis and obtain a set of consistent questions and characteristics that would point to hypotheses for the consolidation of a possible strategy of dis-alienating action and democratic perspectives, based on the concept presented by Suely Rolnik in “Esferas da Insurreição” (2019). The study explores the recognition of powerful spaces in the neighborhood and desired and necessary actions for the region from the perspective of changing the routes to implement the proposals, introduced by the group, due to guidelines from other roots, derived from all the work collective that has multiple actors. This research reports the experiences of collective construction resulting from contacts and exchanges with the neighborhood and its agents, in addition to analyzing the action prospects of private institutions in the support for social movements in vulnerable territories.

Keywords: Jardim Lapenna. Coronavirus. Urban Commons.

1. INTRODUÇÃO

O bairro Jardim Lapenna, foco de estudo desta pesquisa, está localizado no distrito de São Miguel Paulista, Zona Leste da cidade de São Paulo. O primeiro ponto de reconhecimento da região é através das barreiras físicas que delimitam sua área: a estação São Miguel Paulista da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM (operadora de transporte ferroviário criada em 1992, atualmente responsável pelo transporte de 3 milhões de pessoas por dia útil, em média, segundo dados da CPTM), a Estação de Tratamento de Esgotos São Miguel – Sabesp (empresa brasileira que atua na concessão de serviços públicos de saneamento básico no Estado de São Paulo), o muro que divide e delimita a NitroQuímica (multinacional brasileira, líder global no setor de especialidades químicas à base de nitrocelulose) e a Avenida Jacu Pêssego (parte do Complexo Viário Jacu Pêssego, conjunto de vias com 30 km de extensão, que faz ligação com a Rodovia Ayrton Senna).

Estas quatro situações delimitam o Jardim Lapenna, funcionando como muros que cercam, definem e ora bloqueiam o bairro em relação ao entorno próximo, ora o conectam com outras áreas da cidade, no caso da estação de trem e da Avenida Jacu Pêssego. Conexão que funciona com mais eficiência se entendida em uma escala metropolitana, e não local, uma vez que, na vida cotidiana, ambos os equipamentos – uma estação de trem e seus trilhos e uma avenida com ares de rodovia – se apresentam também como barreiras. Ainda que presentes na região a partir de momentos distintos, as quatro margens do Lapenna são parte fundamental para compreensão da trajetória e contexto do bairro.

As origens da cidade de São Paulo – fundada a partir da Vila de São Paulo de Piratininga que, por sua vez, iniciou-se como um pequeno povoado em 1554 – se associam com o nascimento do bairro: a formação do Aldeamento de São Miguel do Ururay marca a ocupação da região oriental da cidade, hoje conhecida como Zona Leste de São Paulo. As principais transformações no bairro começam a ser observadas a partir da década de 1930, com a criação da linha de ônibus Penha-São Miguel, a inauguração da estação da estrada de ferro (hoje, CPTM) e a instalação da Companhia NitroQuímica Brasileira, o que possibilitou um crescimento considerável da região (MOREIRA, 2015). O consequente adensamento urbano, acompanhado por ondas migratórias frente à grande demanda por trabalho, não foi amparado por políticas públicas satisfatórias (MORCELLI, 2016).

Aprofundando-se na constituição do próprio Jardim Lapenna, a divisão reconhecida pela população marca três momentos determinantes: a ocupação mais

antiga do bairro – ao norte da linha do trem (área sul do bairro), que é a área mais urbanizada, com ruas asfaltadas e servidas pelas linhas de ônibus, além de casas de alvenaria construídas em lotes individualizados; a região central e leste do bairro – ocupada de forma menos ordenada, mas que contou com movimentos habitacionais de interesse social e mutirões e as ocupações mais recentes, em constante expansão no limite norte do bairro, área mais vulnerável que não dispõe de saneamento básico e é a mais afetada pelas enchentes (HASSWANI, 2018 apud BATISTA; CARVALHO, 2013). Estes três períodos, que retratam a história do bairro e seus conflitos, definem as áreas hoje conhecidas por alto, médio e baixo Lapenna, respectivamente.

Observando a figura 1, é possível perceber que a divisão citada evidencia relações locais contraditórias. A região do baixo Lapenna, por exemplo, é a área mais precarizada e que mais sofre com a falta de saneamento, apesar dos esforços do Plano de Bairro em realizar ações junto ao córrego para amenizar as enchentes. Ironicamente, a área faz divisa com uma estação de tratamento de água da SABESP. Em um documento de devolutivas às demandas populares em audiência pública com o Conselho Participativo Municipal da Subprefeitura de São Miguel Paulista de 2019, disponível no portal Gestão Urbana, das 38 solicitações elencadas, 6 solicitavam a instalação de um ecoponto no bairro (demanda recentemente atendida) e outras 5 diziam respeito a questões de saneamento (negadas por “impossibilidade financeira” ou com a justificativa de projetos já programados).

Figura 1. Demarcação das áreas do alto (verde), médio (verde água) e baixo (azul) Lapenna.



Fonte: dados GeoSampa e edições próprias.

Frente ao cenário mais recente de aumento populacional, falta de investimento público em melhorias infraestruturais no bairro e o crescente aumento na demanda por equipamentos, surgem ações de iniciativa privada com propostas de atuação colaborativa e de construção coletiva, ancoradas em vocabulário financeiro como “gerência”, “governança” e “empreendedorismo”, como as promovidas pela Fundação Tide Setubal. Desde 2006 a Fundação atua no bairro de São Miguel com diversas

frentes de projetos para a região, promovendo convívio e mobilização comunitária. O Galpão ZL foi inaugurado logo no início de sua chegada ao bairro, em 2006, territorializando suas ações e marcando o Lapenna como o lugar dos experimentos urbanos do grupo Setubal-Itaú. A iniciativa da Tide Setubal, em parceria com a Sociedade Amigos do Jardim Lapenna, propôs um espaço para ações de fomento à inovação, transformação e empreendedorismo. (FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL, 2021).

Dentre as realizações da Fundação Tide Setubal no Lapenna, destaca-se a parceria com a Fundação Getúlio Vargas São Paulo, instituição privada de ensino e pesquisa de mercado que, em fevereiro de 2017, iniciou um processo participativo com os moradores. Esta parceria, frente a situação de urgência causada pela insuficiente presença do Estado, mostrou-se uma alternativa válida, desde que observados os limites desta atuação para que a ausência de política pública de bem-estar comum não seja compensada por uma política privada suscetível a segregação. Naquele momento, através da discussão de propostas para o bairro, foi criado o “Plano de Bairro¹ do Jardim Lapenna: rota para um território de direitos”, que contou com 48 ações de transformação para a área.

O Plano também estabeleceu um projeto de melhorias para o bairro, pensadas a partir de quatro eixos principais: (i) fortalecer a organização comunitária, (ii) harmonia com o meio ambiente, (iii) fortalecer o bairro do Jardim Lapenna e (iv) assegurar/qualificar a infraestrutura. Para isso, foram executadas ações que contaram com esforços dos moradores, como o mutirão de requalificação da Praça Ermínia e as canaletas junto ao córrego para minimizar enchentes (FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL, 2021). Além disso, um dos maiores legados do Plano de Bairro foi a formação de um colegiado, composto por agentes e instituições do bairro que seguem atuantes no Lapenna. A partir da existência do grupo, muitas ações puderam ser alavancadas.

Em conjunto com a elaboração do Plano de Bairro, nasceu uma parceria comunidade-universidade a partir do trabalho dos professores Ana Gabriela Godinho Lima, Daniela Getlinger, Marília Aldegheri do Val e Rodrigo Mindlin Loeb, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em parceria com o Instituto Brasiliana. Esta colaboração se deu através de um grupo de trabalho no bairro – o Núcleo de Pesquisa

¹ O Plano de Bairro é um instrumento criado pelo Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo (PDE – Lei 13.050/14) com objetivo de reunir demandas e desenvolver estratégias a partir da iniciativa da sociedade civil, com participação do poder público e setor privado (FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL, 2021).

e Projeto em Cultura, Cidade, Gênero e Primeira Infância –, envolvendo alunos da graduação e pós-graduação, a fim de estudar e pesquisar melhorias para a área, como relatou o professor Rodrigo Loeb em conversa em abril de 2021. Neste momento, a universidade apresentou-se como necessário polo de conhecimento, formação e reflexão de novas proposições e alternativas, fomentando a relação de saberes populares e eruditos por meio de participação e construção com outros agentes.

Em 2020, um novo coronavírus começou a se espalhar rapidamente pelo mundo causando o que hoje conhecemos como a crise global da COVID-19. Com o agravamento da pandemia COVID-19 no Brasil, diversos grupos focaram suas análises na forma como a doença afetava os diversos territórios do país. Novamente, as ferramentas de conhecimento das universidades se mostraram extremamente relevantes: em São Paulo, um importante estudo foi iniciado pelo Labcidade (2020), o Laboratório de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, que questionou a forma de análise simplificada utilizada pelos órgãos governamentais no enfrentamento da pandemia e desenvolveu, relacionando o CEP de residência com os casos de hospitalização por COVID-19, uma possibilidade de análise territorial, senão precisa, por contar com múltiplas bases de dados, ao menos mais plural, montada por camadas múltiplas e leituras sobrepostas.

Um destes levantamentos desencadeou as principais motivações desta iniciação científica: a partir de dados de uma unidade de saúde da Região Metropolitana e do DATASUS, departamento de informática do Serviço Único de Saúde do Brasil, observou-se que, no início da expansão da doença, havia uma associação forte entre os casos de Covid-19 e moradores de áreas com grande fluxo de circulação, em função da presença de áreas comerciais e terminais de transporte. A Prefeitura, por outro lado, oferecia, nesta mesma época, boletins de índices de contaminação que sugeriam, de forma estigmatizante, uma associação quase direta da expansão do vírus com a presença de favelas e conjuntos habitacionais. Estes dados eram veiculados por boa parte da grande mídia sem que fosse proposta uma reflexão mais profunda a respeito das possíveis causas destas situações.

O estudo do Labcidade explicita como, muitas vezes, análises urbanas são feitas de forma generalizada e, por isso, não substanciam os problemas reais e locais dos territórios. Neste contexto, os professores Fernando Mello Franco e Antonio Fabiano Junior, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, elaboraram a proposta de um novo grupo de pesquisa-ação, o “Projeto Piloto de adaptação do distanciamento físico em territórios vulneráveis em função da pandemia de COVID-19”, no qual o Jardim Lapenna foi elencado como território de pesquisa. A ideia partia do exercício

de um projeto piloto, entendendo-o como instrumento e campo de investigação, que permitisse prototipar e avaliar hipóteses dentro dos ciclos de distanciamento social previstos em um primeiro momento. A partir do atendimento à meta de distanciamento proposta pelo poder público, buscava-se desenvolver tecnologias replicáveis para outros territórios, além de fortalecer a capacidade de resiliência em eventos futuros.

Este projeto de pesquisa, ancorado no grupo do Projeto Piloto, investigou de que forma as articulações urbanas resultantes da epidemia de COVID-19 influenciaram os vínculos da população do Lapenna. Portanto, a análise parte do relato crítico de ações realizadas no bairro durante a pandemia. Sabendo-se que não seria possível resolver as problemáticas evidenciadas durante a crise do Coronavírus, a pesquisa propôs investigar indicações de possíveis caminhos, através da construção coletiva, que pudessem estender-se para além do contexto pandêmico.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Em 2020 o mundo se defrontou com uma situação até então inimaginável: a mutação em um vírus já conhecido foi capaz de suspender a “normalidade” e alterá-la por tempo indeterminado. Quando a crise ainda parecia distante do Brasil, diversos pensadores e pesquisadores já se dedicavam a analisar quais seriam as possíveis consequências sociais do Coronavírus, para além de questões sanitárias e médicas. No livro “Sopa de Wuhan” (AGAMBEN et al, 2020), um compilado da produção a respeito da COVID-19 publicada nos primeiros meses da crise epidêmica, um tema se manifesta com frequência: o espanto com a capacidade inicial da crise sanitária em abalar os padrões de “progresso” capitalistas, sem sequer imaginar o que viria nos meses seguintes. Nas palavras de David Harvey, após observar as consequências que a China já vivenciava:

(...) como poderia o modelo econômico dominante, com sua legitimidade decadente e saúde delicada, absorver e sobreviver aos impactos inevitáveis do que poderia se tornar uma pandemia? A resposta dependia muito de quanto a alteração poderia durar e se espalhar, porque, como Marx apontou, a desvalorização não ocorre porque as mercadorias não podem ser vendidas, mas sim porque não podem ser vendidas a tempo. (HARVEY, 2020, p. 82, tradução nossa)

Como o contágio em massa, o principal impasse da pandemia, é de natureza coletiva, uma vez que, se todos ficarem em casa e se cuidarem, diminui-se o contágio, imaginou-se que a situação seria um espaço para a eclosão de novas práticas coletivas: “O que o vírus consegue com a humilde circulação boca a boca de perdigotos – a suspensão da economia mundial – nós começamos a poder imaginar que nossos pequenos e insignificantes gestos, acoplados uns aos outros, conseguirão: suspender o sistema produtivo.” (LATOUR, 2020, s/p.). Ainda que a forma de resposta

mais expressiva tenha sido ações autocentradas, baseadas em um legítimo “desespero por sobrevivência”, foi possível observar a formação de algumas redes de solidariedade e trabalho coletivo. Neste sentido, “se tudo para, tudo pode ser recolocado em questão, infletido, selecionado, triado, interrompido de vez ou, pelo contrário, acelerado.” (LATOURETTE, 2020, s/p.).

A expansão destas ações de apoio à população em territórios vulneráveis da cidade de São Paulo é constantemente estabelecida com a participação de iniciativas privadas. É inegável que estas parcerias são responsáveis por garantir oportunidades relevantes que talvez não fossem viáveis anteriormente, frente à falta de investimentos do poder público, mas, ao mesmo tempo, é fundamental entender o contexto delas, uma vez que são frequentemente pautadas em mecanismos de expansão das fronteiras dos mercados do capital financeiro (TELLES, 2015). Mesmo porque, “(...) numa economia de mercado não há valor de uso coletivo que, ao se tornar objeto de uma demanda efetiva, não gere um correspondente investimento lucrativo.” (ARANTES, 2021, p. 16) e este sentido de “lucrativo” está inserido na lógica da economia monetária de forma que qualquer que seja o valor buscado (ético, social, sustentável,...), ele será determinado por estas proporções de poder:

O surrealismo da empresa que não visa lucro, mas se interessa exclusivamente pelo retorno ético da cidadania como novíssimo fator de produção, responde a essa esquizofrenia de base de um mundo inteiramente racionalizado pela economia monetária, e por isso mesmo sem saída. (ARANTES, 2021, p. 27)

No caso do Jardim Lapenna, instituições das mais diversas naturezas aproximaram-se, ao longo do tempo, para atuarem conjuntamente com os moradores do bairro (Fundação Tide Setubal, Fundação Getúlio Vargas, Universidade Presbiteriana Mackenzie, entidades públicas em campanhas do próprio governo e até mesmo organizações dos moradores da região). Cada uma dessas instituições é movida pelo desejo de ajudar, mas também por outros interesses particulares. Parece prudente, então, imaginar processos que fortaleçam a autonomia local para, em caso de término de uma parceria ou de divergência de propostas, a população possa superar esta mediação inicial e possa ter seu direito de decisão garantido. Segundo Harvey, “A única estratégia política viável é a que resolve a contradição entre os interesses privados e individuais, de um lado, e os interesses e poderes estatais, de outro, substituindo-a por outra coisa.” (HARVEY, 2017, p. 60).

Em meio a esses debates, a ideia do “comum urbano” continuamente manifesta-se como uma forma de cooperação além do Estado e iniciativas privadas. O sentido desse termo possui diversas abordagens, mas, para os efeitos desta

pesquisa, foi utilizada a definição que o introduz como “(...) bens que são coletivamente usados e geridos por uma dada comunidade por meio do fazer-comum [*commoning*], isto é, um conjunto de práticas e relações de compartilhamento e reciprocidade (LINEBAUGH, 2014), para além do âmbito do Estado e do mercado e das suas respectivas formas de propriedade, pública e privada” (TONUCCI FILHO, 2020, p. 372). A base para esse enfoque é a noção de cotidiano, uma vez que o comum urbano é o campo ‘vivido’ e que, portanto, demanda estratégias para seu descolamento da vivência alienada (TONUCCI FILHO, 2020).

A questão, portanto, diz respeito a quais formas poderiam fomentar uma contraposição às estratégias de manutenção do *status quo*, através das quais o desejo é corrompido e destituído de sua potência transformadora. A sociedade capitalista tem como base a exploração da força de trabalho e consequente extração de mais-valia, mas sua versão presente associa o plano econômico à cultura e à subjetividade, a fim de explorar também a dimensão do desejo, capturando a potência de transformação dos exercícios de vida comum (ROLNIK, 2019). Dessa forma, a contraposição às práticas alienantes atuais “(...) é um território que tem que ser incansavelmente conquistado e construído em cada existência humana que compõe uma sociedade, o que intrinsecamente inclui seu universo relacional.” (ROLNIK, 2019, p.36).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A definição do Jardim Lapenna como território de estudo se deu a partir do conhecimento da experiência de força e união popular previamente estimulada nas práticas do Plano de Bairro, que tiveram papel essencial na compreensão do poder de ação comunitária. Este exercício anterior a esta pesquisa, iniciado no esforço conjunto da Sociedade Amigos do Jardim Lapenna e da Fundação Tide Setúbal, e simbolizado pelo próprio Galpão ZL, é base para o desenvolvimento de inúmeras discussões e propostas locais, principalmente após a formação do Colegiado do Bairro, o coletivo de lideranças locais. Este cenário também atraiu outras entidades interessadas em trabalhar na região, uma vez que, além da comunidade ter se organizado a partir do Colegiado, a presença da Fundação favorece a execução dos projetos.

No “Projeto Piloto de adaptação do distanciamento físico em territórios vulneráveis em função da pandemia de Covid-19”, a pesquisa buscou constituir, em parceria com o Galpão ZL e a partir de levantamentos com a comunidade, uma rede de possibilidades de ações locais e hipóteses para uma manutenção duradoura. O foco de estudo foi entender quais atividades constroem o histórico da organização

popular do bairro e como elas indicam caminhos para experimentações futuras. Para tanto, o trabalho se deu através de aproximações com o bairro em momentos diversos.

Inicialmente, o primeiro contato (30.09.2020) foi feito através de uma entrevista agendada com uma representante da Fundação Tide Setubal, Andreissa Ruiz. Em paralelo, foram organizadas duas reuniões virtuais (16.10.2020 e 29.10.2020) de debate com pautas definidas a partir dos participantes (lideranças, coletivos, parceiros, moradores e trabalhadores do bairro, em conjunto com alunos e professores do Mackenzie) e objetivos individuais de cada conversa, além de reuniões semanais do grupo de pesquisa, também registradas em ata. Estes contatos iniciais estimularam a organização de uma oficina presencial (10.11.2020), com registros fotográficos, ata e um mapeamento realizado durante a atividade, que serviu de base para a continuidade do estudo. Por fim, foi realizada uma reunião que encaminhou o encerramento dos contatos naquele momento (09.02.2021).

Durante os contatos com moradores e trabalhadores do Lapenna que fizeram parte deste trabalho, foi possível perceber a articulação do bairro através da Sociedade Amigos do Jardim Lapenna; grupos de artistas locais; membros dos times de futebol; professores das escolas (interessados em construir espaços urbanos para as crianças) e ações promovidas pelo próprio Galpão ZL. Estas ações também são, muitas vezes, apoiadas por parcerias do Galpão ZL e outras entidades. Dessa forma, a organização social propiciou leituras importantes como (i) as formas de uso do território; (ii) o grau de organização dos agentes interessados no território; (iii) a capacidade de mobilização do tecido social instalado; (iv) as redes externas de ajuda e abastecimento à comunidade; (v) a capacidade de atendimento da rede de saúde pública, traduzida em uma meta de isolamento.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

O contexto atual de enfrentamento da crise epidêmica explicita as desigualdades no território paulistano: moradores de áreas mais vulneráveis da cidade de São Paulo tem, em média, três vezes mais chances de morrer de Covid-19 do que as pessoas que vivem em bairros ricos do município, segundo dados de levantamento do G1 Globo (2021). O distrito de São Miguel, onde está localizado o Jardim Lapenna, lidera as mortes proporcionais na cidade – 128 óbitos em março a cada 100mil habitantes, em dados da mesma matéria do G1 (2021). A própria lógica da vacinação, principal aposta para o controle da epidemia, também se mostra desigual: o mapeamento do avanço da vacinação nos territórios da cidade, permite observar uma concentração maior do índice de vacinados no eixo sudoeste de São Paulo, região

que concentra uma população branca com maior idade média e renda, correspondendo à decisão de vacinar os mais velhos primeiro. Entretanto, ao comparar este mapeamento com o das áreas mais afetadas nos mapas de hospitalização e mortes, é possível perceber que essa região não coincide com os locais mais impactados pelo vírus. (LABCIDADE, 2021)

A situação pode ser entendida a partir da falta de fiscalização e orientação para o cumprimento das medidas de segurança (máscaras, distanciamento e higiene das mãos), mas não é uma realidade exclusiva às regiões mais pobres da cidade, como mostram números de multas por desrespeito à quarentena. A subprefeitura da Sé é a região com mais multas, com 16,52% de todas as multas da cidade, com base em dados do G1 (2021). Uma outra razão, que aparenta ser mais precisa, pode estar relacionada à impossibilidade de famílias vulneráveis se preservarem em momento que as medidas de proteção do governo não são suficientes para garantir uma estrutura de segurança financeira (As famílias que perderam a renda, mas não podem pedir o auxílio emergencial – CNN, abril de 2021) e as consequências desta situação, como a miséria e a fome de 80% das famílias moradoras de favelas que estão vivendo com apoio de doações, segundo pesquisa do Instituto Locomotiva em parceria com a Central Única de Favelas (Fome na pandemia: moradores de favelas já fazem menos de duas refeições por dia – Rede Brasil Atual, março de 2021).

O Jardim Lapenna se apresentou como espaço de experiência potente para tais discussões por quatro momentos condutores: (i) A compreensão dos arranjos familiares e comunitários, que historicamente vinham sendo discutidos em trabalhos contínuos no território; (ii) A configuração de perímetros aderentes, a partir das especificidades do contexto territorial e do tecido social que só podem se realizar mediante pactos sociais e laços de solidariedade entre os seus habitantes; (iii) A qualificação dos espaços comunitários, coletivos e domésticos e (iv) O desenvolvimento de estratégias de “rastreamento de contato” propício no território cujo desenho de suas margens se apresenta de forma contundente e a entrada e movimentação de pessoas no bairro se localiza, em sua grande maioria, em um ponto (terminal de trem) que receberia possível atenção e controle especiais.

Frente ao cenário da pandemia, o Galpão ZL da Fundação Tide Setubal organizou diversas ações de enfrentamento à crise da COVID-19, como o coletivo das Guardiãs – para apoio na entrega de cestas básicas, máscaras, auxílio na divulgação de informações de saúde aos moradores e definição de demandas – e o Bike Literária, para *delivery* de livros, uma vez que o acesso ao Ponto de Leitura do Galpão ZL estava interrompido com as medidas de restrição. Em meio à crise, estas práticas buscavam

não só evitar a perda, mas também garantir a manutenção do vínculo de relação construído com os moradores da região.

Em conjunto com essas ações, outras propostas puderam ser pensadas, somando esforços para a construção de pactos de cidadania e ações verdadeiramente participativas. Neste sentido, o grupo “Projeto Piloto de adaptação do distanciamento físico em territórios vulneráveis em função da pandemia de Covid-19” voltou-se para o Jardim Lapenna a fim de estudar as respostas locais no enfrentamento à pandemia e entender, junto aos habitantes, como a natureza coletiva da pandemia (uma vez que a diminuição do contágio depende de toda população ficar em casa e se cuidar corretamente), poderia impulsionar novas práticas coletivas a serem desenhadas e experimentadas.

4.1 Entrevista com Andrelissa Ruiz

Andrelissa Ruiz é representante da Fundação Tide Setubal e trabalha no Galpão ZL, ela foi a articuladora de maior contato durante esta pesquisa e sua dedicação persistente entusiasmava a todos para que as ações avançassem. A primeira conversa agendada para efeito deste trabalho foi realizada no dia 30.09.2020. Andrelissa explicou como o bairro se organizou para enfrentar as questões provocadas pela pandemia e o consequente distanciamento físico: o Galpão estava fechado desde 23 de março de 2020, sendo usado como ponto de doação de *kits* de cesta básica e de higiene para os moradores do Jardim Lapenna. As famílias beneficiadas foram identificadas por meio de uma articulação com creches públicas e Unidades Básicas de Saúde (UBS) do território. Para organizar as doações, foi necessário estruturar um grupo de voluntários.

O grupo do Colegiado do Bairro é formado por moradores que, muitas vezes, faziam parte grupo de risco da COVID-19. Portanto, na pandemia, foi necessário buscar outras pessoas que poderiam estruturar uma rede de apoio para ações solidárias neste momento de crise. Assim formou-se o grupo das guardiãs: inicialmente, doze mulheres, organizadas a partir de um grupo de *Whatsapp*, planejavam e executavam as propostas. Até o fim do primeiro ano da pandemia (29.10.2020) já eram mais de sessenta mulheres dedicadas na distribuição de cestas básicas, confecção de máscaras, entre outras articulações. Este número está maior em tempos atuais. Outros grupos potentes indicados por Andrelissa foram os dezesseis times de futebol, o conselho participativo e moradores que possuem vínculos políticos.

Esta reunião explicitou a falta de espaços públicos no bairro. Com a pandemia, os espaços como escolas, creches e a própria Tide estavam sem atividades. Assim, as crianças muitas vezes pulavam os muros das escolas, como já faziam aos finais de semana, para brincar. O grande campo de futebol não é só o espaço do jogo ou da pipa, mas também um lugar de encontro. Junto ao mutirão existe um outro campinho com equipamentos para exercício ao ar livre, mas seu uso não é, isto porque os moradores de outras áreas não se sentem à vontade, como se a área fizesse parte do próprio conjunto de prédios do mutirão. Andreissa contou, ainda, do projeto que estava se formando com a ideia de criar espaços coletivos na rua Dr. Almeida dos Reis, no largo Berigan e na praça Guiraguaçu.

Outra questão discutida foi a disputa do pedestre por seu espaço na calçada. As calçadas, estreitas, muitas vezes apresentam obstáculos como postes, árvores e carros estacionados no meio do caminho. Como as ruas também não possuem uma largura ideal e muitas pessoas moram em casas sem garagem, os carros são estacionados subindo na calçada. Mas, nos finais de semana, isto se transforma em festa: as pessoas fecham as ruas, lavam seus carros, brincam, fazem churrasco e ouvem música.

4.2 Reunião com representantes do Galpão ZL

A segunda conversa (16.10.2020), com representantes do Galpão ZL, fez parte de uma proposta do grupo “Projeto Piloto de adaptação do distanciamento físico em territórios vulneráveis em função da pandemia de COVID-19” para uma hipótese de oficina no bairro. Participantes: Ana Cecília (Mackenzie), Andreissa Ruiz (Tide), Antonia Marlucia (Tide), Antonio Fabiano (Mackenzie), Bruna Donegá (Mackenzie), Fernando Franco (Mackenzie), Laura Janka, Marcelo Ribeiro (Tide), Pedro Marin (Tide), Sabrina Duarte (Tide), Stefany Barbosa (Mackenzie), Vanessa Strachini (Mackenzie). Esta reunião, assim como seus retornos, aconteceram via Zoom.

A partir das apresentações, foi possível conhecer melhor os grupos e coletivos atuantes no bairro. Pela fala de Malu e Sabrina, responsáveis pela programação do galpão, ficou evidente a enorme produção cultural do bairro, nem sempre representada nos levantamentos da prefeitura: o pessoal do *Slam* (antes realizado na Praça do Forró, desceu para o Lapenna, junto à estação), artesanato, pintura, Enquadro (teatro e *Slam*), músicos, cantores imigrantes, poetas, escritores e artistas de performance. A identificação da dinâmica destes grupos sugeriu o forte laço de construção coletiva já existente no bairro.

Um importante ponto discutido foi a insegurança dos moradores do Mutirão (conjunto de prédios na Rua Miguel Lazzari) com o projeto da praça proposto no Plano de Bairro para o terreno vazio existente naquela rua. Temiam que a praça acabaria com o sossego do local, trazendo mais pessoas para a área. Havia, por parte dos agentes presentes na reunião, a preocupação de isso se repetir com outras ações na região. Assim fortaleceu-se a ideia de uma construção coletiva, uma vez que, se o projeto é participativo desde o início, ele próprio compõe o pacto conjunto do bairro. Uma nova reunião foi agendada, contando com a participação de grupos e coletivos do bairro, para construção coletiva de uma oficina de aproximação do território.

4.3 Reunião com agentes do bairro

No dia 29.10.2020 foi realizada a reunião com agentes do bairro. Participantes: Antonia Marlucia (Tide), Antonio Fabiano (Mackenzie), Anselmo (morador Vila Nair), Bruna Donegá (Mackenzie), Bianca Santos (guardiã), Fernando Franco (Mackenzie), Kaki (Sociedade Amigos do Jardim Lapenna), Kauanne (grupo de teatro), Malu (guardiã), Marcelo Ribeiro (Tide), Marleide (guardiã), Naama (guardiã), Vania (guardiã), Sabrina Duarte (Tide), Stefany Barbosa (Mackenzie), Vanessa Strachicini (Mackenzie). Esta reunião, assim como seus retornos, aconteceu via Zoom.

A conversa foi fundamental no reconhecimento dos espaços de uso público que se formaram enquanto as escolas, creches e o Galpão permanecem com atividades em pausa. Vania, uma das guardiãs, contou das propostas que as guardiãs começaram a discutir - o espaço de brincar no Largo Berigan e um espaço educador junto ao muro da Escola Estadual Professor Pedro Moreira Matos para evitar o despejo e acúmulo de lixo, ação realizada pela primeira vez como parte do Plano de Bairro. Junto ao terreno da Petrobrás, na Avenida Jacu Pêssego, as crianças fizeram um pequeno campinho de futebol e, apesar de anunciarem o perigo dos jovens que correm até a avenida atrás dos pipas, os moradores também se alegram porque “espaço vazio acaba virando parque de diversão”. A partir do reconhecimento dessas ocupações de espaços públicos, foi pensada a construção de uma oficina.

4.4 Oficina

A partir da segunda reunião, foi pensada uma oficina com o bairro para reconhecer o local, identificar as situações descritas (e outras possíveis) e propor ações. No encontro do dia 10.11.2020, no Galpão ZL, foi realizado, em conjunto com os moradores, um mapeamento de áreas relevantes do bairro. A partir de uma projeção do mapa da região, foram elencados 17 pontos de interesse. Abaixo encontram-se anotações das falas dos participantes a respeito destes locais:

(1) O terreno da Petrobrás: espaço de convívio, sem luz a noite. Perigo de acidentes. (2) O terreno do mutirão: o pessoal do prédio é quem mais usa, “parece um condomínio”. (3) A praça Ermida (junto à escola): Prefeitura está colocando equipamento de exercício e solicitaram *wifi*. Crianças brincam, mas falta também um olhar para terceira idade. (4) O Parque Vila Jacuí: muita infraestrutura, poderia ser melhor utilizado. Acesso só por baixo (Jacu Pêssego). (5) O espaço do Ecoponto: Ainda não inaugurou, junta lixo em frente. Pessoal da ocupação estaciona os carros debaixo do viaduto, Prefeitura fez reunião para tirar, não funcionou. (6) O campo de futebol: local onde mais junta gente no bairro. A Associação que cuida, fica aberto até de noite e moradores cortam caminho para a ocupação. (7) A quadra da creche: jogam vôlei e outros esportes. (8) A estação da CPTM: acontecem batalhas de *Slam*, junta público. Conexão com outro lado do bairro pela escada rolante/elevador. (9) A antiga estação da CPTM: acesso de terra à Nitroquímica. Poderia ser tombada e virar um espaço cultural. (10) O Largo Berigan: espaço ao ar livre, rádio comunitária do bairro era lá. (11) O muro da Escola: junta muito lixo e descarte de material. Fizeram ações para evitar a sujeira que perderam a eficácia. Sugestão das guardiãs é fazer um muro verde. Quadra da escola agora fica aberta porque antes os jovens pulavam o muro para brincar. (12) A passarela que atravessa os trilhos, importante acesso, mas o cheiro é desagradável por conta do bueiro da Av. São Miguel. Poderia ser espaço para feirinhas, mas prefeitura precisaria limpar. Não tem luz a noite, vários casos de assédio/assalto. Sugestão de uma grade na saída, por conta dos acidentes com moto. (13) A Rua Nordestina: funk no final de semana, atrapalha o sono da vizinhança. (14) O bar do Antonio José: o “bar da briga”. (15) A proposta de “rua de brincar”: projeto para a rua que chega ao Largo Berigan. Originalmente, a ideia de “rua de brincar” seria perto das ocupações. (16) O terreno junto a creche: diretora gostaria de fazer uma horta. (17) O terreno em frente à estação da CPTM: poderia ser bicicletário, população já prende bicicletas na grade.

Com base nesse levantamento, foram escolhidos três pontos focais (o muro da escola, a passarela e o terreno da Petrobrás) para serem trabalhados pelo grupo de pesquisa. O passo seguinte foi discutir como realizar ações nestes locais e garantir que fossem duradouras. Uma hipótese foi reconhecer instituições que amparassem as ações: para o muro da escola, a própria escola e, para a passarela e o terreno da Petrobrás, a ONG Marista, do bairro União de Vila Nova. Além destes grupos, outros apoiadores poderiam ser o coletivo de ciclistas, o Colegiado do Plano de Bairro, os moradores que se unem de tempos em tempos para limpar o lixo do muro e comércios da região. Também foi reforçada a importância de engajar mais pessoas nas ações.

A discussão a respeito das possibilidades para os três locais selecionados na oficina seria desenvolvida ao longo de 2021. Na primeira reunião com o bairro para retomada do trabalho no novo ano (09.02.2021), ficou claro que diversas ações já estavam sendo realizadas por outros parceiros da Fundação Tide Setubal e, portanto, o trabalho proposto parecia redundante. Uma possibilidade considerada foi a união do grupo de pesquisa a esses parceiros, mas estas especulações de cooperação também não tiveram continuidade. A partir de então, as atividades do grupo ficaram suspensas.

4.5 Em suspensão

Cada forma de construção coletiva tem seu próprio tempo particular. O cultivo de relações capazes de engajar a vontade de participação exige uma certa demora, como parte do processo de assimilação, reconhecimento, aprendizagem e conscientização. Ao mesmo tempo, contextos de urgência demandam medidas ágeis, o que nem sempre é possível quando se trata de ações de longa duração. Estas duas situações não são opostas, na verdade, se complementam. A urgência, característica dos cenários de abandono da cidade de São Paulo, pode indicar caminhos de fortalecimento das demandas, se entendidas como uma estratégia de vínculo.

No Jardim Lapenna, a articulação entre moradores e entidades atuantes no bairro vem sendo desenvolvida há anos, o que possibilitou rápidas medidas estruturadas em meio à pandemia. Estas providências claramente não foram suficientes para solucionar toda situação epidêmica, e nem buscavam isso, mas garantiram, ao menos, uma forma de acolhimento emergencial aos moradores. Assim, as pequenas ações cotidianas sinalizam passos constantes no cultivo dos laços comunitários e, dessa forma, o tempo pode ser aliado destes processos.

Entretanto, outro tempo a ser considerado neste caso, é o tempo das parcerias com a iniciativa privada. Neste cenário de maior vínculo com instituições privadas, os projetos ficam amarrados às suas disposições, uma vez que são as detentoras da verba e conseqüentemente do poder. Poder de articulação, implementação e, portanto, de atuação efetiva no território. Este fato não deve ser julgado por si só, mas, uma vez que grupos percebem sua capacidade de atuação reduzida por uma grande dependência dessas entidades, há uma questão a ser discutida, como um ponto de inflexão necessário para a construção de lações de reação, ancorados em organização popular.

Além disso, como citado anteriormente, é relevante buscar compreender quais as intenções destas corporações, a fim de desmistificar conceitos ilusórios. Uma possibilidade esboçada pela professora e pesquisadora Vera Telles é de que estas

propostas “apresentadas como programas de erradicação da pobreza, a rigor são formas de intervenção que abrem as vias para expansão dos mercados (...)” (2015, p. 29), o entendimento de que são colocadas “(...) todas as dimensões da vida social (e da existência) sob a égide do mercado, convertendo a troca mercantil em código ético e princípio de conduta.” (2015, p. 29).

Não é possível imaginar, dentro de um sistema capitalista, que programas de colaboração seriam oferecidos sem um objetivo de benefício posto em conjunto. Como, então, criar outra lógica que não seja também explorada pelo mercado? Ou, como pergunta Ananya Roy, como, então, criar outra lógica que não seja também explorada pelo mercado (2011)? O “empoderamento” surge como tendência, mas desde que moderado e prudente. A moderação e prudência vem a partir do cuidado da origem da base de sua construção, afinal, como acreditar em um poder, ou em uma “ação de se tornar poderoso, de passar a possuir poder, autoridade, domínio sobre; exemplo: processo de empoderamento das classes desfavorecidas”, como descreve o dicionário, se a este reconhecemos uma base neoliberal, constituidora de um sujeito empreendedor, dono de seu destino, na busca por uma outra vida a partir de um mérito que, sabemos, não existe? Portanto, é indispensável um sólido compromisso com a comunidade a fim de evitar que as pautas progressistas sejam cooptadas e esvaziadas de sua potência transformadora.

O engajamento popular é fundamental na definição dos rumos destes programas. Uma instituição que deseja se inserir em um território, definitivamente, será beneficiada pela existência de lideranças organizadas e esta mesma organização popular garante pressão na estruturação do sentido das propostas, são duas forças que se sustentam. Mas se a força popular é tão importante, não poderia ela própria desencadear outra alternativa de método de gestão e encaminhamento de propostas que poderia se somar às situações existentes?

No início da pandemia, imaginava-se que a gravidade das problemáticas resultantes da crise do coronavírus poderia provocar uma explosão de produções e organizações comunitárias, mas, como foi observado ao longo dos meses, a situação de colapso por si só, não foi suficiente. É importante destacar que este trabalho não entrega-se à falácia de sugerir que qualquer forma de violência tenha uma capacidade “pedagógica”, como alguns poderiam entender, incorretamente, a partir das discussões sobre transformações possíveis em meio à uma crise global. Na realidade, a consequência mais expressiva que se pode observar, no Brasil, é um entendimento de que a situação poderia ser enfrentada de forma individual. No lugar de reivindicar que o governo garanta meios para que as pessoas possam se manter em casa, as

peessoas se manifestaram para que as atividades não fossem fechadas, em virtude da iminência de colapso do sistema de saúde brasileiro (09/03/2021), movidas pelo medo, mais uma vez legítimo, de ficarem sem salário com um novo lockdown.

4.6 Como gerar consciência – a aposta na experiência

No momento em que o mundo enfrenta uma crise sanitária, o Galpão ZL, no Jardim Lapenna, conseguiu articular rápidas respostas de auxílio aos moradores – como as ações de mobilização de recursos e repasse de informações de saúde na pandemia a partir das Guardiãs ou o *delivery* de livros do Ponto de Leitura, garantindo o isolamento físico – com a participação ativa de pessoas do bairro, uma vez que os vínculos da força popular já se encontravam fortalecidos em camadas diversas da população através do processo do Plano de Bairro. Estas ações só foram possíveis, neste cenário específico, a partir da associação da população com a Tide Setubal, responsável pelo Galpão. Mas o que acontece se os planos da fundação se alterarem em algum momento, como aconteceu na parceria do ensaio projetual do grupo de pesquisa-ação do Mackenzie?

A busca não é pela aniquilação destes conflitos, mas sim pensar a democracia em todas as instâncias da vida urbana, como um processo continuamente construído, em constante mudança e, por definição, inacabado. Esse processo, inclusive, ao tomar forma principalmente em ambientes de uso público esbarra na própria arquitetura. Sendo assim, não é possível pensar a participação popular como mera consulta de interesses ou votação por esse ou aquela proposta para chegar em um consenso da maioria. O interesse real é a possibilidade de formação de uma estrutura de relações, um pacto conjunto do bairro, para que as mais diversas e variadas potências sejam compreendidas sem que sejam homogeneizadas. Segundo Chantal Mouffé:

(...) É por essa razão que o ideal de uma democracia pluralista não pode ser alcançar um consenso racional na esfera pública. Esse consenso não pode existir. Devemos aceitar que cada consenso existe como resultado temporário de uma hegemonia provisória, como estabilização do poder e que ele sempre acarreta alguma forma de exclusão. Ideias de que o poder poderia ser dissolvido por meio de um debate racional e de que a legitimidade poderia ser baseada na racionalidade pura são ilusões que podem colocar em risco as instituições democráticas. (2006, p. 175)

Quando foi feita a oficina com o bairro, por exemplo, foram levantadas hipóteses para os 17 pontos de interesses elencados com os participantes. Em um encontro seguinte, os moradores ainda tinham muitas dessas ideias em mente como recursos de discussão. O Grupo das Guardiãs, também iniciado no contexto da COVID-19, cresceu em número de participantes a cada contato desta pesquisa,

mantendo sua importante atuação até o fim deste estudo. Estas ações diárias simples, mas carregadas de sentido para aproximar as pessoas dos debates, aparentam ter um valor fundamental na construção de formas de vida coletiva que ganhem espaço nas diversas instâncias do dia a dia e a “infiltração” destas reflexões nas situações corriqueiras, uma vez que, como questiona Harvey, “(...) como é possível construir um sentido de comunidade moral ou solidariedade social, formas coletivas e significativas de pertencer e viver que não sejam contaminadas pela brutalidade, pela ignorância e pela estupidez que cercam os trabalhadores no trabalho?” (HARVEY, 2017, p. 132)

Durante a epidemia de COVID-19, o Brasil enfrentou um crescimento expressivo da desigualdade: segundo dados do relatório Poder, Lucros e Pandemia, 13 milhões de brasileiros encontram-se desempregados, 600 mil micros, pequenas e médias empresas fecharam as portas, enquanto os bilionários do país aumentaram sua riqueza em US\$ 34 bilhões. E esta realidade não é exclusivamente brasileira, o cenário segue a tendência mundial: nos três primeiros meses da pandemia do novo coronavírus, os 25 maiores bilionários do mundo aumentaram sua riqueza em US\$ 255 bilhões (OXFAM, 2020). Ainda assim, instrumentos próprios deste momento podem sugerir formas para o enfrentamento da situação hoje se desdobrar em oportunidades futuras. As relações observadas no Lapenna resultaram em sete pistas para uma possível estratégia de ação des-alienante e de luta democrática descritas a seguir, mas também disponíveis na cartilha que complementa este trabalho²:

(i) Exercitar a não conformação e o desconforto: as pistas partem do princípio que não é plausível se deixar anestesiado frente às manifestações do absurdo, o local de incômodo é ponto de partida. (ii) A hipótese da experiência: a partir do observado no bairro do Jardim Lapenna, as ações colaborativas comunitárias indicaram perspectiva de condução de experiência favorável ao fortalecimento da justiça social, dos laços de solidariedade e de sujeitos políticos por meio da construção contínua da consciência cidadã. (iii) A construção da consciência: a prática urbana atua como possibilidade de experiência geradora de consciência, apostando no reconhecimento e identificação do indivíduo na cidade e desencadeando outras forças motoras de transformações coletivas. (iv) Experiência a partir da vivência do outro: a vivência própria não é a única forma de aprendizado, as pessoas são capazes de aprender a partir da experiência do outro também. Dessa forma, as relações e laços de solidariedade se apresentam como possíveis motivadores de inquietações e desejos por mudança. (v) Aceitação do conflito: enxergar o conflito não como empecilho, mas

² Cartilha disponível em:
https://issuu.com/brunadonega/docs/a_experiencia_coletivizada_em_tempos_de_isolamento

como parte do processo democrático e parte legítima de sua constituição. A relação com o outro pressupõe discordâncias e a articulação do desacordo. (vi) A urgência como pauta constante: é necessário um certo tempo para a construção de relações, portanto, a aposta em ações cotidianas poderia ser ancorada em temas urgentes, uma vez que é improvável que essas necessidades sejam completamente esgotadas. (vii) Como perder da melhor maneira possível: neste tempo, corre-se o risco de que o mercado coopte as intenções iniciais. Uma possibilidade de solução seria iniciar um novo projeto a cada vez que isso acontecesse.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de aproximação desta pesquisa se deu através de pontes para debates capazes de despertar provocações. Atualmente, como alertado por Suely Rolnik, a descrença é generalizada e projetada não só na política, mas também em outros aspectos da sociedade (2019). Portanto, a esperança é que estas provocações possam indicar outras operações que renovem o desejo de fazer parte do coletivo político. No cenário de crise e desesperança global, aposta-se na partilha da ideia de mudança como maior recurso contra o conformismo, trabalhando em conjunto com na confecção de outros mundos.

Os temas apresentados buscam sugerir pistas e apostas na disputa por uma vivência menos submissa, ao mesmo tempo que lidam com o contínuo risco de dominação pelo capital e esvaziamento de seu sentido revolucionário – o que foi chamado pelo professor Antonio Fabiano Junior de “perder da melhor maneira possível”. É importante que a expectativa seja sempre avançar para mais perto de realidades mais favoráveis, que visem o alargamento democrático para todos e todas, mas o presente é muito tumultuado e esta é a realidade com a qual deve-se lidar. A perspectiva de que certos fracassos são indispensáveis também é levantada por José Miguel Wisnik no documentário “Palavra (En)cantada”, entendendo que a própria contradição é parte integrante do processo de transformação.

A gente costuma ou fazer o elogio do Brasil por essa diferença ou então dizer que o país não presta também porque ele é diferente. Eu acho que tinha que se olhar ao mesmo tempo, a gente tem que ter a capacidade de olhar ao mesmo tempo a potência e a fraqueza brasileira para que ele dê um salto. (WISNIK, 2008, n.p).

As redes de solidariedade formadas durante a pandemia mostram que o trabalho coletivo ainda constitui um amplo campo de investigação que poderia apontar caminhos de potentes ações de transformação. Sob a perspectiva de mudança como consequência do compromisso com as relações humanas comunitárias, mesmo em contínuo risco de dominação pelo capital, este trabalho, mais um desdobramento dos

ensaios propostos no Jardim Lapenna, buscar ser um exercício de fundamental construção coletiva de esperança frente ao cenário devastador que a sociedade enfrenta atualmente. Avante, juntos, sempre continuaremos.

6. REFERÊNCIAS

ARANTES, Paulo Eduardo. **Esquerda e direita no espelho das ONG**. São Paulo: Cadernos Abong, 2021. Disponível em: <https://sentimentodadialetica.org/dialetica>. Acesso em: 30 jul. 2021.

CPTM. **Visão Geral**. 2021. Disponível em: <https://www.cptm.sp.gov.br/a-companhia/Pages/a-companhia.aspx>. Acesso em: 12 ago. 2020.

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL. **Mais do que guardiãs: líderes e fontes de inspiração para o bairro**. Disponível em: <https://fundacaotidesetubal.org.br/guardias-anjos-da-guarda-e-liderancas-do-bairro/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL. **Livros delivery**. Disponível em: <https://fundacaotidesetubal.org.br/livros-delivery/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL. **Plano de Bairro Jardim Lapenna**. Disponível em: <https://fundacaotidesetubal.org.br/publicacoes/plano-de-bairro-jardim-lapenna/>. Acesso em: 02 fev. 2021.

G1 GLOBO. **Moradores da periferia de SP têm 3 vezes mais risco de morrer de Covid-19 do que pessoas que vivem em bairros mais ricos**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/20/moradores-da-periferia-de-sp-tem-3-vezes-mais-risco-de-morrer-de-covid-19-do-que-pessoas-que-vivem-em-bairros-mais-ricos.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2021

GEOSAMPA. **Mapa Digital da Cidade de São Paulo**. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: 09 fev. 2021.

GESTÃO URBANA. **Plano de ação da Subprefeitura de São Miguel Paulista: audiência devolutiva**. São Paulo. 2019. Disponível em: https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/11/Audiência-Devolutiva_São-Miguel-Paulista.pdf. Acesso em: 31 mar. 2021

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo, Boitempo, 2017.

HARVEY, David. Política anticapitalista en tiempos de coronavirus. In: AGAMBEN, Giorgio; et al. **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. Madrid: ASPO, 2020. Disponível em: <https://tiempodecrisis.org/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2020.

HASSWANI, Miriã Dias Carvalho. **Leitura do espaço pré-escolar em territórios vulneráveis: o caso jardim Lapenna**. 2018. 230 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/26185>. Acesso em: 08 fev. 2021.

LABCIDADE. **Mapas do coronavírus escondem informações**. 2020. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/mapas-do-coronavirus-escondem-informacoes/>. Acesso em: 09 jun. 2020.

LABCIDADE. **Prioridade na vacinação negligencia a geografia da Covid-19 em São Paulo**. 2021. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/prioridade-na-vacinacao-negligencia-a-geografia-da-covid-19-em-sao-paulo/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

LABCIDADE. **Simplificação da leitura do comportamento da epidemia no território dificulta seu enfrentamento**. 2020. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/simplificacao-da-leitura-do-comportamento-da-epidemia-no-territorio-dificulta-seu-enfrentamento/>. Acesso em: 09 jun. 2020.

LATOUR, Bruno. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise**. 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/008-1>. Acesso em: 22 abr. 2020.

MORCELLI, Danilo da Costa. **São Miguel Paulista e seu patrimônio: caminhos para o uso social**. In: ALMEIDA, Patrícia Freire de (org.). TERRITÓRIOS DE URURAY. São Paulo: Movimento Cultural Penha, 2016. p. 33-48.

MOREIRA, Millyane Magna Moura. **Os nomes do 'lado de baixo da linha do trem': uma análise toponímica do Jardim Lapena, Vila Nair e Vila União, em São Miguel Paulista, São Paulo/SP**. 2015. 241 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05112015-144911/pt-br.php>. Acesso em: 26 jan. 2021.

MOUFFÉ, Chantal. Por um modelo agonístico de democracia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 25, p. 165-175, jun. 2006.

OXFAM. **Poder, Lucros e Pandemia**. Oxford: Oxfam GB, 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/poder-lucros-e-pandemia/>. Acesso em: 05 maio 2021.

PALAVRA (En)cantada. São Paulo: Radiante Filmes, 2008. Son., color.

REDE BRASIL ATUAL. **Fome na pandemia: moradores de favelas já fazem menos de duas refeições por dia**. 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/03/fome-na-pandemia-moradores-de-favelas-ja-fazem-menos-de-duas-refeicoes-por-dia/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

ROY, Ananya. **Poverty Capital: Microfinance and the Making and the Making of Development**. Nova Iorque: Routledge, 2011.

TELLES, Vera. Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 46, n. 1, jan/jun, p. 15-41. 2015.

TONUCCI FILHO, João Bosco Moura. Do direito à cidade ao comum urbano: contribuições para uma abordagem lefebvriana. **Direito e Praxis**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 01, p. 370-404, fev. 2020.

Contatos: donegabruna@gmail.com e antoniofabianojr@gmail.com